

“ACELERAÇÃO E A DUPLA TEMPORALIDADE DO CAPITAL: NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO DE FUTUROS”

Lázaro Vasconcelos Oliveira¹

Marcel Alentejo da Boa Morte²

Guilherme Henriques de Araújo³

Resumo

O objetivo deste artigo é explorar a categoria de aceleração nas ciências humanas. Comparamos autores críticos à visão tradicional de como esse fenômeno moderno discutido no campo da filosofia e sociologia clássica é articulado e categorizado no seio da produção social do capitalismo tardio. Propomos uma reflexão que considera a influência do conceito de aceleração social, uma força ainda incógnita na formação e percepção do mundo contemporâneo. Adotamos a pesquisa bibliográfica e estrategicamente analisamos produções audiovisuais para hipersticionar a produção de “futuros” e expor pela comparação crítica o que do social estaria realmente “acelerando”.

Palavras-chave: Aceleração. Capital. Futuros.

¹ Lázaro Vasconcelos Oliveira é licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz.

² Marcel Alentejo da Boa Morte é mestrando em física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ Guilherme Araújo é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo

Abstract

The objective of this article is to explore the category of acceleration in the human sciences. We compare critical authors with the traditional view of how this modern phenomenon, discussed in the field of classical philosophy and sociology, is articulated and categorized within the social production of late capitalism. We propose a reflection that considers the influence of the concept of social acceleration, a force still unknown in the formation and perception of the contemporary world. We adopt bibliographical research and strategically analyze audiovisual productions to hyperstitionize the production of "futures" and expose through critical comparison what in the social realm would actually be "accelerating."

Keywords: Acceleration. Capital. Futures.

Introdução

O relógio como artefato técnico nasce de uma longa trajetória histórica de tentativas humanas de medir o tempo a partir do movimento planetário, ele é um símbolo do tempo natural, cósmico, mensurável, uma tentativa de fixar o tempo enquanto algo regular, quantificável. O relógio mede a regularidade dos ciclos naturais, mas com a vida moderna, sua função é alterada, submetida a outra lógica que não a da sua natureza signatária, mas de função social. Como mercadoria, ele não mede o tempo que consome para si próprio. Ao tornar-se obsoleto fica ultrapassado, um paradoxo para um dispositivo cuja função é regular a passagem do tempo, mas não as diferentes velocidades com que o tempo é vivido. Neste artefato tão intrigante esconde-se a pergunta chave abordada aqui: O que estaria realmente acelerando no tempo da pós-modernidade? Seriam as tecnologias, instituições, ou a própria percepção do tempo? Tudo parece urgência, a falta de tempo afeta todas as classes (ROSA, 2019), a própria psicogênese moderna está entrelaçada com uma noção específica de uso do tempo (HAN, 2016), as notícias se sucedem em velocidade vertiginosa, os vínculos se desfazem com rapidez, e o presente parece lembrança de um futuro projetado no vale do silício. Cidades libertárias com base monetária em criptomoedas, robôs policiais caçando imigrantes nas fronteiras, os leds que acompanhavam a estética cyberpunk serão impossibilitados pelo velho debate da lei do valor? O futuro não é mais uma estética formal, mas substancial, central para construção das narrativas entre utopias ou cataclismas que tomam os meios de comunicação.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é explorar a categoria de aceleração, comparando autores críticos à visão tradicional de como esse fenômeno moderno discutido no

campo da filosofia e sociologia é articulado e categorizado. Propomos uma reflexão que considera a sua influência como uma força ainda incógnita na formação e percepção do mundo contemporâneo. Adotamos a pesquisa bibliográfica e comparativa para hipersticionar estrategicamente a produção de futuros nas ciências humanas, que em nossa conclusão, segue em disputa. A pesquisa foi conduzida metodologicamente a partir da revisão da literatura em bases de dados acadêmicas da SciELO (Scientific Electronic Library Online), no Portal de Periódicos da Universidade de São Paulo (USP) e no periódico *Das Questões* (UnB), privilegiando a categorização e comparação do conceito de aceleração em Fisher (2020), Land (2014, 2021), Marx (2013), Kaczynski (1995), Baudrillard (1996, 1972, 2008) e Kurz (2017, 2023).

No primeiro capítulo traçamos o que seria aceleracionismo, e defendemos a posição de que existe uma noção de aceleração e dupla temporalidade no contexto do pensamento marxista. No segundo, exploramos o conceito de hiperstição (ficções que moldam a realidade) através de obras como *Cyclonopedia* (Negarestani) e *X-Risk* (Moynihan), que vinculam catástrofes naturais e sociais ao inconsciente coletivo e à aceleração capitalista. No terceiro analisamos como o conceito de velocidade, originalmente físico, torna-se central para entender a modernidade capitalista, onde a aceleração constante (Rosa, 2019); (Fisher, 2020) gera sobrecarga psíquica (Simmel, 1903); (Han, 2016) e novas formas de exploração. Por fim, revisamos em como os objetos também são acelerados materialmente (obsolescência programada) e simbolicamente (moda), refletindo tanto a lógica do capital quanto a distinção de classes, onde o efêmero vira signo de status, confrontando as teorias de Robert Kurz e Baudrillard como a contradição entre aceleração, niilismo e colapso.

1. Aceleração e dupla temporalidade

Benjamin Noys no livro *Persistence of the Negative* (2010) critica e demarca tendências contemporâneas da filosofia continental afetadas pelo fluxo do maio de 68 na França: “Essa época é marcada pelos grandes comícios populares, onde se tornam centrais interrogações sobre questões de cultura popular e proletária, de direitos aos trabalhadores” (MIGUEL, 2018, p. 934). Noys (2010) denominou de aceleracionismo os expoentes da filosofia francesa da década de 80, para o autor essa tendência tentava subverter a ideia de colapso e crise dos escritos marxistas levando a cabo a reinterpretação de que o colapso do capitalismo seria teleológico, neste sentido, a acumulação capitalista teria início, meio e fim a partir da dinâmica do próprio capital (NOYS, 2010, p. 5).

Apesar de Noys (2010) traçar o início da tendência aceleracionista na década de 80, Bensusan (2020, p. 99) argumenta que “Marx foi talvez o primeiro a ver explicitamente este caráter aceleracionista do capital”, neste sentido, ideias de acelerar forças destrutivas dentro da dinâmica do próprio capital aparecem em escritos em que Marx defende o livre-câmbio (1985, p. 197) e em *O capital*, além de outros escritos. Fisher (2020, p. 197) também aponta passagens de características aceleracionistas nos escritos de Marx. A característica da filosofia aceleracionista e dos seus 30 anos de recepção no Brasil, portanto, ao contrário do que argumentava Noys (2010), não se tratava de acelerar o capital, mas de acelerar os processos de *descodificação* proporcionados pelo próprio diagnóstico de Marx em que:

Tal universalização, por outro lado, e como já indicamos anteriormente, universaliza e

acelera a transformação de processos laborais dispersos, realizados em escala diminuta, em processos de trabalho combinados, realizados em larga escala, em escala social; ela acelera, portanto, a concentração do capital e o império exclusivo do regime de fábrica. Ela destrói todas as formas antiquadas e transitórias, embaixo das quais o domínio do capital ainda se esconde em parte, e as substitui por seu domínio direto, indisfarçado. Com isso, ela também generaliza a luta direta contra esse domínio. (MARX, 2013, p. 378, 379).

De acordo com Bensusan (2020) a produção da anástrofe marxista{3} pode ser ilustrada pela passagem da acumulação primitiva até a total transformação do trabalho imediato em trabalho abstrato na sociedade das mercadorias, é essa inversão fetichista em *O Capital* a característica essencial do capitalismo (MARX, 2013, p. 127). Assim, “o capital é talvez ele mesmo um acelerador” (BENSUSAN, 2020, p. 92), em primeira instância, porque a aceleração é inexorável ao próprio modo de produção, produzindo uma dupla temporalidade vinculada ao trabalho abstrato e concreto, a um modo de produção histórica mediado e específico. No segundo momento, no método dialético, essa temporalidade pode ser exposta a partir do conceito de *aufhebung* da lógica hegeliana, na qual argumenta Pertille (2011, p. 32) que “Hegel reconhece a potencialidade especulativa deste termo, e o estabelece como um conceito fundamental: o que é suprasumido nega o que lhe antecede, conservando-o de um ponto de vista mais elevado”, essa descodificação do movimento do valor reflete-se no materialismo marxista como esse código de processamento do capital que precisa atualizar-se de maneira contínua em um processo de descentralização específica do trabalho. Bensusan (2020) argumenta que no materialismo histórico-dialético esse conceito opera nas ruínas das formas produtivas anteriores ao

capital, atuando como um agente transversal, que destrói e conserva os modos de produção: “de fato, o capital é transversal porque enfatiza sua semelhança com a própria produção que ele agencia” (p. 95) ou como salientou Marx:

Esse produto da divisão manufatureira do trabalho produziu, por sua vez, máquinas. Estas supressam [aufheben] a atividade artesanal como princípio regulador da produção social. Por um lado, portanto, é removido o motivo técnico da anexação vitalícia do trabalhador a uma função parcial. Por outro, caem as barreiras que o mesmo princípio ainda erguia contra o domínio do capital. (2013, p. 302).

Germer (2009, p. 82) também argumenta que as forças produtivas são fatores determinantes para evolução e desenvolvimento social nas obras de Marx, nas quais elas atuam como agentes aceleradores para o desenvolvimento da complexidade social (MARX apud GERMER, 2009, p. 24–5).

Dessa maneira, podemos observar um rasgo da realidade na análise da teoria marxista do capital como um agente transversal de seu próprio movimento, um agente acelerador do social, ou de sua negação, que existe em dois tempos, duas dimensões entre a sua aparência e essência. Ele destrói-se, conserva-se; atualizar-se é a sua necessidade transhumana central de superação da massa de trabalho concreto e diluimento em uma massa cinzenta do trabalho morto.

2. Hiperstição

Em *Cyclonopedia*, Negarestani (2008) mistura teologia especulativa, ficção de horror, filosofia e teoria crítica

abusando de uma estética que figura temas como o petróleo, a guerra, o oriente médio e a relação entre o homem e a natureza. A narrativa delinea-se a partir de um manuscrito encontrado em circunstâncias misteriosas que põe em movimento uma busca da personagem principal por uma figura sem nome que assina suas comunicações com um glifo que remete à letra “S”. Uma “enciclopédia” sobre a Pérsia antiga escrita pelo personagem Dr. Hamid Parsani que, por meio de artefatos numéricos antigos e secretos, elabora a ideia de que o mundo é moldado por forças cíclicas e cataclísmicas, numa multiplicação infinita de correntes espirais e triângulos, que representam tanto eventos naturais quanto crises sociais e políticas. Thomas Moynihan (2020) em seu livro *X-Risk: How Humanity Discovered its Own Extinction* também explora essa relação ambígua entre *catástrofe e produção do social* exposta em uma ficção sobre como a humanidade começou a perceber e conceber o risco de sua própria extinção, o que o literário chama de catastrofismo espinhal, obra de 2019 de mesmo nome que desenvolve a tese da espinha dorsal humana como suporte de um código traumático da espécie.

A abordagem de desastres naturais em ambos autores enfatiza o papel na construção social do trauma no inconsciente do planeta terra, elaborando hiperstições sobre essa estratificação do passado por meio de dispositivos estéticos de aceleração da produção de futuros e de curto-circuitos temporais, que recolocam o passado profundo em comunicação com futuros especulativos. Essa fusão impossível e catastrófica (ou anastrófica) tornou-se um dos lugares-comuns do aceleracionismo: os procedimentos literários e narrativos empregados põem em movimento uma intensificação do uso da linguagem, por meio da união herética entre ficção e teoria, no contexto de crítica filosófica e cultural

que busca escapar das amarras institucionais. A aceleração se torna também aceleração do uso da linguagem como mecanismo de dissolução dos limites de gênero da crítica cultural.

A anástrofe marxista, de acordo com Land, que vem do grego (*ἀναστροφή*, *anástrophé*) significa inversão, mudança de posição, mas de fato, parece não haver alguma fonte precisa sobre uma possível etimologia do conceito de anástrofe entre os aceleracionistas, ao que tudo indica, foi Land; Plant (2014, p. 305) que cunharam o termo. A anástrofe marxista poderia ser ilustrada como a radicalização da imagem do deus Janus, o deus de face bifronte, que representa o que já passou e o porvir. Em Land, o capital aparece como esse *agente acelerador*, deslocador, que realiza o trabalho “com e como as máquinas; mais do que isso, ela promove uma associação entre trabalho humano e trabalho maquinico que faz com que um só seja inteligível e funcional em conjunção com o outro” (BENSUSAN, 2020, p. 93). Dessa maneira:

À aposta de Marx de liberação da humanidade pelas máquinas, e que se atém, principalmente, aos momentos do texto, e da história, em que as máquinas assumem a produção e, conjuntamente à incorporação do trabalho, praticamente adquirem corporeidade, ressoa em diversos momentos da obra de Land [...] O domínio do capital é catástrofe teleológica cumprida, rebelião robô, ou insurgência shoggótica. (LAND apud JÚNIOR; MICKUS, 2021, p. 241).

De maneira analógica, esse trauma geoespacial é abordado a partir do filme *Lamb* (2021) de Valdimar Jonhannsson, que acompanha um casal sem filhos e de vida monótona em uma fazenda nos alpes suíços. A vida de Maria e Ingvar, personagens da trama, muda drasticamente após uma ovelha de seu celeiro dar à vida a uma entidade híbrida. O

desenvolvimento do filme se dá a partir de dois capítulos que sucedem o nascimento da Ada, um ser com face de ovelha e partes humanas. A chegada do irmão alternativo de Ingvar, Pétur, pode ser traduzido como um chamado ao problema. A transparência do desconforto com o híbrido precede uma tensão ao filme quando a morte de Ingvar revela ao final outro híbrido, o pai da Ada, que observava a todos e como uma força imparável retoma o que é seu. O final da obra de Johansson dá rosto ao trauma, destrói a romantização do realismo capitalista e revela as tensões entre a agência não-humana e o tecnocapitalismo do presente século.

Para Nick Land o capitalismo é um "fluxo geotraumático" que acelera processos geológicos e sociais. Petróleo, códigos digitais e catástrofes são máquinas de dessubjetivação que dissolvem o humano, a homogeneização do código produzida pela capitalização do sistema social em sua totalidade conjuga o *socius* com o ciber-espço, acelerando a dissolução da estrutura social apontando para um futuro onde nada que é humano sobrevive: o prospecto trans-humano ou inumano se realiza ecumenicamente com a inteligência artificial associada à inteligência transversal dos mercados globais colonizando o substrato social humano. Em Lamb (2024), o nascimento de Ada seria um evento landiano: a natureza "hackeando" a reprodução humana para gerar um monstro pós-humano, um atalho evolutivo rumo ao desaparecimento da paisagem antropocêntrica.

A vaca não é mais uma vaca, é um produto; seus instrumentos reprodutivos naturais servem agora para gerar leite, seu útero é uma máquina criadora de máquinas, seu *self* é laboratorial, como também é denunciado no filme *Cow* (2021), em que a repetitividade da extração de uma vaca leiteira exprime sua fungibilidade, como produto artificial

descartável, sua existência é uma extensão dos delírios tecnológicos subordinada à técnica e consequentemente aos homens; se a existência humana cessa, o ser da vaca acompanha. A criação do ser-vaca no documentário biográfico de *Cow* (2021) é fruto de décadas de manipulações genéticas, experimentos sociais de populações e inseminações artificiais, que a transformaram em uma criatura dócil, reduzindo sua existência ao abatedouro. A vaca é o laboratório para o verdadeiro paciente, que nos limites práticos e legais atuais não se encontra disponível.

Se Marx produziu anástrofes, não se trata do velho debate entre Viveiros de Castro e Graeber sobre alteridade (GRAEBER, 2019) sobre se a magia é real ou não, a mercadoria flutuava no ar? Neste caso específico, não indagamos a possibilidade do capital ser ou não “uma força, uma axiomática, uma epidemia, uma aliança ou uma inteligência artificial extraterrestre do futuro”, mas segundo Bensusan (2020, p. 90) teorizar “é conjurar catástrofes e anástrofes, conciliar memória evidência, resquícios e presságios”, *toda teoria social sobre o presente é uma hiperstição do futuro*.

3. A sociedade é industrial? Entre velocidades e crises

O conceito de velocidade está associado ao movimento dos corpos, sua rapidez de transformações quando percorrem o espaço de um ponto a outro, ou suas metamorfoses quando modifica-se sua substância ou forma. Ela é um conceito ligado a uma quantidade que mensura os movimentos dos corpos, e um vetor relativo que depende do referencial, sendo derivado de outros dois conceitos: tempo e espaço. Apesar de ser costumeiramente empregada na ciência da natureza, sua utilidade não se restringe a ela, no contexto

em que o espaço e o tempo se tornam centrais para a ordem social sob a forma de mercadorias, como na sociedade burguesa, a velocidade e a aceleração adquirem status distintos.

De acordo com Rosa (2019) a modernidade exige modificações constantes como forma de estabilização social. O conceito de aceleração nas ciências humanas pode ser identificado, como demonstrado anteriormente, em autores clássicos que vão de Marx a Simmel, até os mais atuais como Rosa (2019) e Han (2016), mas também em autores marginalizados como os expoentes do CCRU (Cybernetic Culture Research Unity) e Ted Kaczynski, que, como recorte de estudo temporalmente orientado, possibilitou-nos um diálogo comparativo entre essas correntes clássicas que se distinguem entre o centro e a margem institucional para pensar a categoria de aceleração.

Segundo Simmel (1903) a individualidade típica do morador da metrópole surge porque seu sistema nervoso fica sobrecarregado pela constante e rápida mudança entre os estímulos que vêm do ambiente externo e os que vêm de seu próprio interior, ou seja, produzindo uma nova forma de aceleração material e subjetiva. Já na crítica da economia política de Marx, que também tem a vida urbana como central em sua análise, o tempo é a dimensão essencial para uma teoria do valor como uma forma histórica particular. Em sua análise da mais valia relativa, o conceito de velocidade fica implicitamente definido, demonstrando que a intensidade é um fator importante na valorização, o que pode ser denominado de *velocidade intensiva*. Outro momento no qual o tempo, e consequentemente o conceito de velocidade aparece implícito é quando este analisa as metamorfoses dos meios produtivos no Livro II de O Capital. Elas são dadas numa determinada taxa

de transformação, onde seus objetos transitórios são: dinheiro, capital produtivo, capital mercadoria, cada um sob regime de *velocidades* próprias: são *velocidades produtivas* das rotações dos capitais. Esses fluxos de modificações constituem os ciclos reprodutivos dos capitais.

Apesar da aparente constância nos fluxos dos suportes do capital nos modelos ilustrativos, eles não são dados absolutos, modificam-se, ora aumentando numa determinada etapa, ora diminuindo, alteram-se sazonalmente para algumas mercadorias, dependendo também dos demais capitais, numa relação que parece violar todo princípio de causalidade. Espantosamente a mercadoria de agora depende da que será feita amanhã. A estabilidade e instabilidade são dadas nessas assincronias, impedindo a realização do valor, algo que Marx identifica quando explica as fontes das crises de reprodução. As velocidades produtivas e intensivas dependem da técnica, assim como das contradições da realização do valor. Os “desencontros” são a forma de reprodução dos capitais individuais, assim a delimitação do que é a *crise* não deve ser entendida a partir das descontinuidades desses capitais, ao contrário, é somente quando o capital social total não se reproduz completamente que o conceito de crise pode ser efetivamente empregado.

Se para Marx a crise se enraíza nas contradições internas do capital, para Kaczynski, definido como parresiaista no império (DA SILVA apud ANTUNES *et al*, 2018) mas pouco analisado sociologicamente aponta que o problema está em outro campo: na técnica. Kaczynski, assim como Marx, identifica o tempo como o elemento fundamental da sociedade moderna, contudo, sua associação não é entre o humano e o modo de produção, mas entre o humano e a *forma* de

produção, que na sociedade burguesa se consolida na era industrial.

Na sociedade industrial, a vontade de poder, a disputa, produz uma liturgia corporal produtiva e moral, acelerando a técnica junto aos interesses das classes, ele argumenta que: “Se a sociedade industrial sobreviver, provavelmente a tecnologia chegará a algo próximo do controle total do comportamento humano” (KACZYNSKI, parágrafo 157). O controle, no entanto, não reside numa classe particular, é a forma de produção industrial que delimita, segundo a produtividade, como os indivíduos devem realizar suas atividades, é o conflito por poder dentro do mercado e Estado, o “motor atual da história”. Essa deliberação mercadológica desloca a autonomia e necessidade dos indivíduos para as instituições, impedindo assim sua realização subjetiva. É um choque entre a natureza humana e uma simulação litúrgica. Nesse sentido, para o autor, a crise não deriva do modo de produção capitalista, do conflito das classes, mas da técnica produtiva: “É culpa da tecnologia, porque o sistema não é guiado por ideologia, mas por necessidades técnicas” (KACZYNSKI, parágrafo 119). A velocidade da técnica leva a uma abundância material ao mesmo tempo em que gera uma crise humana, pois ameaça a essência daquilo que distingue os homens; a natureza humana é ser “livre”, a técnica, entretanto, subjuga-a de acordo com suas necessidades, nisso reside a crise existencial e moral.

Em uma perspectiva panorâmica não tão parresista da violência-extrema, ou do utópico retorno a um modo de produção agrária, Fisher, em *Realismo Capitalista* (2020), demarca o século XX pelo fim do fordismo e concretização do pós-fordismo. A diferença entre as épocas é feita a partir de uma crítica de dois filmes que se diferenciam

por seus “ethos criminoso”, *The Godfather* (1972) e *Heat* (1996), que, para ele, representam esse deslocamento paralelo entre o tecnocapitalismo e a produção das identidades:

Enquanto anteriormente os trabalhadores podiam aprender um único conjunto de habilidades com a expectativa de assim galgar posições em uma rígida hierarquia organizacional, agora se espera que periodicamente adquiram novas habilidades enquanto pulam de posto em posto, vagando de empresa em empresa. À medida que a organização do trabalho é descentralizada, com redes horizontais tomando o lugar de uma pirâmide hierárquica, atribui-se cada vez mais valor à “flexibilidade”. (FISHER, 2020, p. 60-61).

O filme *The Godfather* (1972) pode ser associado a hierarquia e moral familiar, a um capitalismo patrimonialista, industrial, delimitado em territórios e sujeitos, enquanto em *Heat* (1996), numa dissolução completa do *ethos* e das relações de teias que envolvem um paralelismo entre o crime e o capital, as redes criminosas assumem uma nova forma cuja finalidade são os ganhos imediatos, não mais centradas em uma hierarquia rígida do valor, mas em sua crise.

Se a exposição da crise é comum a esses autores, é na teoria da crise e sua solução, entretanto, que encontramos as divergências. Kaczynski por sua posição atávica é costumeiramente colocado como um “desaceleracionista”, nesse sentido a catástrofe seria evitada no retrocesso das forças produtivas (ANTUNES *et al*, 2018). Trata-se de uma interpretação equivocada, o Unabomber advoga pelo fim de toda técnica produtiva, já que a era industrial desemboca em uma aglutinação social delimitante para a auto-realização na modernidade. A sociedade industrial direciona-se para algo

estranho ao humano, porque enjaula sua natureza instintiva. Marx, ao contrário, crê que a crise pode ser superada pela emergência de uma sociedade que supere o modo de produção, sem exclusão das formas sociais de aglutinamento da técnica.

O conceito de velocidade revela o compasso interno das sociedades modernas, em que sua dinâmica produtiva necessita dessas assincronias. A análise junto ao conceito permite mapear não apenas os ciclos dos capitais, suas particularidades, mas como suas contradições se direcionam ao conceito de crise. Marx e Fisher identificam nesse descompasso o impulso para a superação da sociedade capitalista; Kaczynski, o princípio da dominação pela técnica.

4. O niilismo do simulacro devora a democracia e seus filhos

Para Baudrillard (1996) a aceleração das forças produtivas, da liberação social do século XX, que ele ironicamente chamou de pós-orgia, não levou o ocidente ao progresso, mas a uma profusão do vazio e culminou na ausência da troca, onde “não se pode mais dizer que o social morre, pois ele é desde sempre acumulação do morto” (p. 34). Essa ausência de referência na realidade é explorada diferentemente pelo conceito da “perda de si” em Robert Kurz. Essa tendência da perda de sentido nos episódios extremos causados pela aceleração da pós-modernidade, que desemboca em uma pulsão de morte que “aponta para além do conceito de mero “risco” ou “interesse”: a indiferença em relação a todos os outros se transforma em indiferença em relação a si mesmo” (KURZ, 2023) é resultado direto da decomposição do valor em um regime de velocidade intensiva da competição.

Na teoria da crise de Kurz (2017, 2020), o que torna a violência extrema violência extrema não é uma forma

particular de violência dos sujeitos não esclarecidos, mas o fato de que esta é produto do próprio esclarecimento burguês que se impõe e se totaliza na pós-modernidade.

Ainda que o diagnóstico de uma crise causada pela aceleração das mídias e velocidades intensivas do valor perpassasse esses dois autores em suas análises acerca da particularidade da violência extrema, eles discordam em conclusão, que decorre na distinção causada pela aceleração entre uma sociedade de consumo e outra de crise. A mercadoria na sociedade capitalista é produzida segundo por uma dupla temporalidade nesses autores: satisfazer a necessidade de outrem e realizar seu valor na troca. Ambos se interconectam, primeiramente porque sua realização enquanto valor depende das qualidades materiais; assim uma mercadoria que não consiga satisfazer uma determinada necessidade simplesmente não se realiza. Inversamente, também são alteradas segundo as necessidades da realização do valor, por exemplo, um produto que por suas características dificulte tecnicamente em ser transformado em mercadoria não será produzido. Traçamos aqui algumas das conexões entre o aspecto técnico, do corpo da mercadoria, com sua realização enquanto valor.

A taxa de gasto real do objeto é também submetida a leis sociais, onde determinada técnica em que a mercadoria mantenha seu valor de uso por períodos maiores, poderá ser substituída, contraditoriamente, por outra que possibilite uma rotação maior do capital, denomina-se essa tendência de obsolescência programada. Portanto, os objetos são “acelerados”, isto é, suas características materiais são definidas para que possam acompanhar o movimento acelerado dos capitais. Além disso, outra aceleração pode ser identificada nos

objetos, mas que diferentemente não envolve suas características materiais.

No livro, *Para uma crítica da economia política do signo* (1972), Baudrillard demonstra como as contradições entre a lógica cultural e a lógica econômica modificam as mercadorias a fim de satisfazer uma necessidade simbólica distintiva das classes. A longevidade de um objeto, por exemplo, que logicamente se estende até encerrar seu aspecto funcional, isso é, quando não pode mais ser solicitado para satisfazer uma necessidade, assume agora outro caráter temporal de natureza social, do valor-simbólico.

A taxa de gasto real de um objeto, que está submetido aos aspectos técnicos e da realização do valor, assume também a forma de uma *taxa de gasto simbólica*, denominada de *obsolescência da moda*. Ela é própria de uma sociedade de classes que se diferencia pelos objetos segundo seu estatuto temporal, na díade *efêmero* e *duradouro*, e que, portanto prescreve uma mobilidade que, contraditoriamente, reafirma a estagnação. Se a diferenciação nas sociedades tradicionais residia na característica inercial dos objetos, na sociedade do consumo, inversamente, sob o signo da moda, a circulação dos objetos é acelerada, como afirma o autor: “A efemeridade moderna dos objetos (e outros signos) é de fato um luxo de herdeiro” (1972, p. 40). Particular da pós-modernidade é o estágio de decomposição da crise do valor da forma-mercadoria, resultado do que também poderíamos chamar de um processo de aceleração na lógica da produção e no jogo da identidade imediata entre o trabalho produtivo material e o trabalho produtor de valor dos produtores individuais, gestada na ciência do trabalho do século XX. Essa mudança do individual para uma rede de cooperação gera um trabalho produtivo total, em que o processo de produção torna-

se uma massa cinzenta de cooperatividade, e a identidade, posição e função são voláteis. Mas nesse processo particular, surgem as funções “enigmáticas” que para o autor já não são mais trabalho produtivo nem improdutivo, mas uma “zona cinzenta” e assim, a aceleração cria novos espaços cinzentos “quando o trabalho intelectual tecnológico, que se encontra separado do processo de produção imediato não é mais inteiramente reconhecido” (p. 25) nas duas categorias clássicas de trabalho. Dessa forma, a aceleração do capital irrompe a lei do valor, que acaba por criar este híbrido entre produtividade e improdutividade.

Baudrillard (1996) argumenta que a violência extrema é um dos fatores dessas novas formas de relações sociais, os objetos privados de consumo ultrapassam o valor de uso e troca e encarnam em um valor-simbólico, já que “houve sociedades sem social, assim como houve sociedades sem história” (p.32), nada mais se troca, a modernidade que não veio à cena deixa o rei nu, mas sem público, “todos somos maquiavélicos e não sabemos” (1996, p. 86). Tudo pode ser experienciado, ainda que por ondas, que desafiam a lógica da universalização iluminista. A pandemia do coronavírus, o monopólio revolucionário por parte da extrema-direita e o genocídio palestino na segunda década do terceiro milênio, remetem todos à mesma conclusão dúbia do niilismo que encerra *Simulacros e Simulações* (1976).

Em Kurz (2023) essa perda de si, na qual “todas as coisas e necessidades deixam de ser reconhecidas em sua própria qualidade, pois isso é tirado delas para “economicizá-las”, ou seja, para transformá-las em meras “gelatinas”, aponta para o mesmo futuro da luneta teórica de Baudrillard. Essa odisseia da transformação do valor enfrenta as simulações como em um oceano de signos vazios, enquanto que nos faz

encarar o naufrágio a partir do “vazio completo do dinheiro criado como um fim em si mesmo, que agora finalmente domina a existência [*“Dasein”*] como o deus secularizado da modernidade” (KURZ, 2023). Assim, a diferença entre o entendimento da aceleração segundo Robert Kurz e Baudrillard é que para o primeiro essa tende a uma crise emancipatória, enquanto para o segundo ao niilismo simulacral.

Na tabela abaixo sintetizamos em quatro categorias as formas de aceleração identificadas na pesquisa, juntamente com seus respectivos autores e correntes de pensamento.

Tabela das formas de aceleração social

Correntes	Autores	Futuros	Formas de Aceleração
Aceleracionismo	Land, Negarestani	Obliteração	Hiperstição simbiótica
Primitivismo	Kaczynski	Domesticação	Técnica
Crise	Marx, Kurz, Fisher	Emancipação/Dominação	Cientificação do trabalho
Consumo	Baudrillard	Niilismo/Estagnação	Moda

Fonte: Elaboração dos autores.

Criticamente podemos identificar uma tripla lacuna na tabela: desmaterialização do social, determinismo histórico e pessimismo político. Esses fatores revelam um desafio central: teorizar futuros para além da dupla temporalidade da aceleração e desaceleração do capital exige confrontar não apenas os efeitos da aceleração social da pós-modernidade,

mas também entender os limites das ferramentas críticas que empregamos na produção atual.

Conclusões:

O aceleracionismo de Land e o “desaceleracionismo” de Kaczynski radicalizam a autonomia maquínica do capital a ponto de dissolver a agência humana em fluxos geotraumáticos, ambos negligenciam as mediações da circulação das mercadorias, que Marx enfatiza como núcleo da crise capitalista. Enquanto Land vê como insuficientes as respostas políticas humanas usuais, reacionárias ou progressistas, que busquem frear e fazer oposição à tendência aceleracionista do capital, Kaczynski dobra a aposta na agência humana e em sua capacidade de conduzir ou reverter as consequências do processo civilizatório industrial.

Por outro lado, a crítica de vertente marxista heterodoxa de Kurz e Fisher, ao centrar-se na aceleração do colapso do trabalho imediato, subestima a capacidade do capital de ressignificar catástrofes em mecanismos de regeneração do seu próprio signo. Embora aguda ao diagnosticar o vazio das trocas na pós-modernidade, a visão de Baudrillard tende a uma paralisação que obscurece formas emergentes de resistência orgânica na aceleração virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, V.; COSTA, Julia; COSTA, Yuri. The Unabomber: estudo de caso e perspectivas acerca do ambientalismo radical. *Revista Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 111-125, maio de 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus>. Acesso em: 14 out. 2024.

BAUDRILLARD, J. A transparência do mal - Ensaio sobre os fenômenos extremos/Jean Baudrillard; tradução: Estela dos Santos Abreu - 3ª edição- Campinas, SP - Papirus, 1996.

_____. À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Sabotagem, 2005. (Originalmente publicado em 1978). Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/212462/versions/1/a-sombra-das-maiorias-silenciosas>. Acesso em: 22 out. 2022. -

_____. Para uma crítica da economia política do signo; tradução Aníbal Alves - Rio de Janeiro: Elfos Ed.Lisboa: Edições 70, 1972.

BENSUSAN, H. N. O capital transversal e a seus rebentos atrativos — ou a infância das máquinas. *Revista direitos, trabalho e política social, [S. l.]*, v. 6, n. 10, p. 88–109, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/9305>. Acesso em: 3 jan. 2023.

DERRIDA, J. Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FISHER, M. Realismo capitalista. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia literária, 2020.

GERMER, C. (2009). Marx e o papel determinante das forças produtivas na evolução social. *Crítica Marxista*. 75–95.

- GRAEBER, D.** Alteridade Radical é só outra forma de dizer Realidade: Resposta a Viveiros de Castro (Tradução: Máquina Crísica — GEAC). In: *Práxis Comunal*. Belo Horizonte: Vol. 2, N. 1, 2019, pp. 277–323.
- HAN, B.-C.** (2016). *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. Lisboa: Relógio d'Água.
- LAND, N; PLANT, S.** Cyberpositive. In: Mackay Robert. *#Accelerate: The Accelerationist Reader*. Londres: Urbanomic, 2014. In: Mackay Robert <Sd3>. *#ACCELERATE: The accelerate reader*, Londres: Urbanomic, 2014.
- LAND, N.** A quick-and-dirty introduction to accelerationism. Jacobite, 2017. In: <https://jacobitemag.com/2017/05/25/a-quick-and-dirty-introduction-to-accelerationism/>. Acesso em Janeiro de 2023. “<SD1> Uma introdução rápida e sincera ao aceleração”. Jacobite, 2017. In: <Sd2> <https://jacobitemag.com/2017/05/25/a-quick-and-dirty-introduction-to-celeationism/> . ACESSO EM JANEIRO DE 2023.
- MARX, K.** *A miséria da filosofia*; tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985.
- _____. *O Capital — Livro I — crítica da economia política: O processo de produção do capital*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MIGUEL, M.** O maio de 68 francês: sentidos e recuperações. *Revista Direito e Práxis* [online]. 2018, v. 09, n. 02 [Acessado 3 Janeiro 2023], pp. 928–951. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/33901>>. Epub Apr-Jun 2018. ISSN 2179–8966. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/33901>.
- NEGARESTANI, R.** *Cyclonopedia: Complicity with anonymous materials*. Melbourne: Re.press. 2008.
- NOYS, B.** *The Persistence of the Negative. A Critique of Contemporary Continental Theory*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- ROSA, H.** *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

- PERTILLE, J.** Aufhebung, meta-categoria da lógica hegeliana. In: Revista Eletrônica Estudos Hegelianos, Recife, Vol 8, nº15, p. 58–66, Julho/Dezembro — 2011.
- S. JÚNIOR, J. G.; Z. MICKUS, R.** Os demônios de Nick Land: uma especulação introdutória sobre aceleração e hiperstição. [S. l.], v. 12, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/34909>. Acesso em: 3 jan. 2025.
- SIMMEL, G.** 1973 [1903]. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- KACZYNSKI, T.** (1995). A Sociedade Industrial e seu futuro – Manifesto de “Unabomber”. Disponível em: <https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/10/A-Sociedade-Industrial-e-seu-futuro-Manifesto-de-Unabomber.pdf>. Acessado em 08 jun. 2025.
- KURZ, R.** A crise do valor de troca. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.
- _____. R. A democracia devora seus filhos. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020.
- _____. R. A pulsão de morte da competição. Revista Zelota, [s.l.], 2023. Disponível em: <https://revistazelota.com/a-pulsao-de-morte-da-competicao/#nota1>. Acesso em: 1 jun. 2025.